

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*MARCOS SÁ CORRÉA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Ascensão e Queda

A inflação de novembro foi a mais alta na vigência do Plano de Estabilização Econômica: 16,86%, segundo o IGP-M, da Fundação Getúlio Vargas; 16,64%, de acordo com o IRVF, que é o indexador oficial ainda admitido pelo governo; e 15,53%, conforme a apuração do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), pelo IBGE em dez capitais.

No entanto, o mercado financeiro, que costuma se antecipar às tendências da economia, já começou a apostar na reversão do processo de alta da inflação. Há uma semana, os investidores que especulam com a taxa da inflação no mercado de BTN na Bolsa Mercantil & de Futuros acreditavam que o índice de dezembro estaria na faixa dos 18%. Ontem, o mercado futuro fechou cravando 16,5% para dezembro.

A inflação de dezembro já está sendo apurada desde o início da segunda quinzena de novembro. Pelo comportamento de alguns itens do IGP-M da FGV, ainda há pressões altistas de preços que vão impactar o índice de dezembro. É o caso dos produtos agrícolas, que subiram muito no atacado e devem ter a alta transferida para o varejo, e do último reajuste dos combustíveis, cujo impacto ainda será absorvido este mês.

Alguns aumentos foram impressionantes no mês passado: nos preços ao consumidor, no Rio e em São Paulo, a alimentação subiu 16,35%, com alta de 51% no arroz. Esse é um reflexo da escassez do produto, devido à quebra de safra no início do ano, devido à seca no Centro-Sul. Os óleos e gorduras, item que se refere basicamente ao óleo de soja, subiram 20%, também por causa da seca.

Trata-se, portanto, do efeito do choque agrícola apontado pela equipe econômica, ao lado da alta internacional do petróleo, como os principais responsáveis pela aceleração da inflação, que estava na faixa de 12% a 13% no mês passado. Além de provocar

alta de 18,78% no item matérias-primas brutas, que fez os bens de produção no atacado subirem de 13,18% em outubro para 16,77% no mês passado, o repasse do reajuste dos combustíveis para as passagens de ônibus fez o item transportes saltar de 12,72%, em outubro, para 22,51% em novembro.

Com esses números aparentemente contraditórios, onde o mercado financeiro foi buscar elementos para apostar na queda das taxas de rendimento das Letras do Tesouro Nacional resgatadas em janeiro? Elas foram leiloadas esta semana pelo Banco Central, corroborando as afirmações da equipe econômica de que a inflação vai começar a ceder.

Dois indicadores anteciparam o início da reversão do processo de alta dos preços, devido ao aprofundamento do quadro recessivo causado pela escassez de dinheiro, que eleva os juros às alturas e inibe o consumo: o custo do material de construção subiu 12% em novembro, contra 11,64% em outubro, enquanto os preços do vestuário aumentaram 12%, índice inferior aos 12,78% do mês passado.

Ninguém ignora que o sistema financeiro dispõe de amplos indicadores sobre a tendência dos negócios, a começar pela própria demanda de crédito. O comércio está vendendo pouco e já cancelou pedidos à indústria. Com os juros nas alturas e a onda de concordatas, o sistema financeiro nem precisa negar empréstimos a empresas que não considera com solidez suficiente.

Os agentes econômicos constatam que a recessão vem sinalizando a derrubada dos preços, como insistia a equipe econômica. Alguns segmentos industriais, como a área de papelão para embalagens, estão praticamente sem encomendas. A indústria têxtil está parando a produção. Muitas outras vão antecipando férias coletivas. O preço é muito alto, mas a inflação já está começando a ceder.